

ESCALA DE SENTIMENTO ANÔMICO: VERIFICAÇÃO DE SUA ESTRUTURAL FATORIAL EM BRASILEIROS²⁵

SCALE OF ANOMIC SENTIMENT: TEST OF A STRUCTURAL FACTORIAL IN BRAZILIAN

Nilton S. Formiga & Marcos Aguiar de Souza
Universidade Federal da Paraíba - Faculdade Mauricio de Nassau &
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Brasil

Nilton S. Formiga es Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Mauricio de Nassau. Endereço para correspondência: Rua Juiz Ovídio Gouveia, 349. Pedro Gondim. CEP: 58031-030. João Pessoa - PB. E-mail: nsformiga@yahoo.com

Marcos Aguiar de Souza es Doutor em Psicologia. Docente do Departamento de Psicologia e do Mestrado Profissional em Gestão e Estratégica em Negócios, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: maguarsouza@uol.com.br

Referencia Recomendada: Formiga, N. S., & Aguiar, M. (2011). Escala de sentimento anômico: verificação de sua estrutural fatorial em brasileiros. *Revista de Psicologia GEPU, 2 (2)*, 80 - 97.

Resumo: No presente estudo pretende-se verificar a estrutural fatorial da escala de sentimento anômico em jovens brasileiros. Espera-se que prevaleça a estrutura unifatorial já encontrado em outros estudo no Brasil. 235 homens e mulheres com idade de 14 e 21 anos, da rede de educação publica e privada da cidade de João Pessoa-PB, responderam a escala de sentimento de estar à margem da sociedade e questões sócio-demográficas. A partir do programa AMOS GRAFICS 7.0, observaram-se indicadores que corroboram a existência de uma estrutura unifatorial, observado em estudo nacionais e internacionais.

Palavras Chave: Sentimento Anômico, Escala, Jovens.

Abstract: This study want verify the factorial structure of the scale of anomic feeling in young Brazilians. It is hoped that prevails the unifatorial structure have been found. 235 men and women, aged 14 to 21 years, of system education public and private in the city of Joao Pessoa, responded to the scale of sense of being on the fringes of society and social demographics. From the program AMOS 7.0 grafics, there were indicators that confirm the existence of a unifatorial structure, observed in national and international study.

Keywords: Anomic Feeling, Scale, Young People.

Recibido: 04/08/2011 Aprobado: 24/10/2011

²⁵ Durante o desenvolvimento deste estudo o autor contou com a bolsa de produtividade do CNPq, instituição a qual agradece.

Introdução

As discussões a respeito do desenvolvimento social, político e econômico da passagem de uma sociedade pré-moderna para a moderna, não somente pode ser destacada pela mudança na dinâmica urbana das cidades, mas, também, de uma mudança cultural que se perfila nos países ocidentais, ou seja, o aumento do individualismo ao invés do coletivismo (Formiga & Diniz, 2010; Magalhães, 1998). De acordo com Reykowski (1994), a perspectiva individualista preza o bem estar do self como o principal critério de adaptação, enquanto a perspectiva coletivista procura preservar o bem estar do grupo. Todas as diferenças cognitivas, atitudinais e comportamentais entre coletivismo e individualismo se originam desta diferença fundamental em suposições implícitas sobre o mundo social.

Essa perspectiva individualista tem sido um fenômeno com grande força entre os jovens da sociedade vigente, o qual, típico de uma sociedade que tem seus valores fragilizados e as ações institucionais de controle do comportamento fracassadas quanto ao estabelecimento da norma social (Beato, Peixoto & Andrade, 2004; Feijó, 2001; Minayo e cols., 1999; Mulvey & Cauffman, 2001; Paixão, 1983).

O individualismo, assim, tem como pressuposto fundamental a racionalidade, sendo baseado nos princípios de regulações, regras e leis, de modo a favorecer a individuação, autonomia, auto-realização e a liberdade de escolha. Em contrapartida, o coletivismo tem como pressuposto fundamental o relacionamento, sendo baseado nos princípios de bem estar coletivo, papéis, deveres e obrigações, favorecendo a convivência em grupo.

É nesse sentido que Kumar (1997) argumenta que “o impulso para a individualização encorajou maior liberdade nas relações entre trabalhadores e empregadores, homens e mulheres, pais e filhos. As formas tradicionais de deferência cederam lugar a uma nova afirmação de direitos individuais, reforçadas, se necessário, por apelo às cortes de justiça” (Kumar, 1997, p. 179).

Segundo Giddens (1998), essa condição foi vislumbrada por Emile Durkheim, o qual defendia a necessidade de que as pessoas fossem, também, um ser ‘individualista’, mas, que essa condição favorecesse a justiça social e o fortalecimento e consistência da autoridade moral na sociedade, não afastando as relações e formação social harmônica.

Porém, de acordo com Sorj e Martuccelli (2008), a perspectiva defendida por Dukheim no que se refere à necessidade de uma maior individualidade dos

sujeitos, deveria implicar no aumento da autonomia e iniciativa individual, mas, não foi isso que ocorreu. Pelo contrário, as pessoas com uma ação individualista, não a realizavam com base na negociação das relações interpessoais e do respeito às normas e regras sociais, tornando, com isso, opaca a relação do mundo subjetivo do indivíduo e a sociedade. Isso gerou uma perda do reconhecimento e compreensão dos espaços da sociabilidade destinados a coesão social e não a um estado de desorganização.

O fato é que essa mudança cultural levou o sujeito à priorização de necessidades pessoais em que a meta seria a obtenção de prestígio. Assim, na falta de recursos ou mesmo de apoio social para alcançar tal prestígio, o indivíduo se utilizaria de condutas desviantes, o que revelaria não apenas o delinqüir juvenil, mas, uma desestruturação e descrédito do poder disciplinar das instituições normativas e formadoras da conduta juvenil e a dissolução do poder socializador dessas instituições quanto à transmissão moral e ética para os jovens, indicando assim, um tempo de anomia (Idhac, 2009; De Giorgi, 2005; Formiga, & Diniz, 2010; Lipovetsky, 1986).

Tal estado de anomia segue um caminho de caos social, no qual, quebrar a norma social pode ser um ato enobecedor para a construção da imagem do sujeito e a busca das aspirações de consumo para a sua própria realização. Um desvio excessivo da norma transpõe os espaços da vida privada das pessoas, afetando os espaços públicos e coletivos e gerando um sentimento de insegurança e exclusão social (Idhac, 2009; Sigelmann, 1981).

Apesar de Durkheim (1893/1995; 1925/2002) considerar que a ação desviante poderia ser entendida como algo normal na dinâmica de qualquer sociedade, mesmo que em níveis suportáveis, essa ação deveria ser punida e inibida, porque é reprovada pela sociedade. Isto ocorreria tanto por causar prejuízo à ordem e harmonia da sociedade quanto pela indicação de que o sujeito não foi capaz de interiorizar as normas e os valores sociais exigidos pela sociedade. Para aqueles que buscam a harmonia e o bem estar social, uma condição delituosa faz surgir sentimentos e condutas de rejeição a essa situação. A intensidade e facilidade do delito revelam uma fragilidade na integração entre indivíduo, sociedade e as leis para a ordem social, originando a anomia.

O estudo sobre a anomia ganhou força conceitual e de análise dos problemas sociais com Emile Durkheim em seus livros *Divisão do Trabalho Social* e *Suicídio*. Para Durkheim (1894/2004; 1897/2000), a anomia refere-se a uma condição que a sociedade passa, na dinâmica de suas relações interpessoais, quanto ao reconhecimento da ausência de referência das normas e regras sociais

que orientam e regulam o comportamento socialmente desejável do indivíduo e instituições. A existência da anomia na sociedade torna-se ineficaz o poder regulador, que as normas sociais e instituições de controle, têm sobre os comportamentos sociais, sendo incapaz da coesão da sociedade.

De acordo com Agnew (1997), Durkheim concebia que o estado anômico é uma condição peculiar da sociedade moderna e de desenvolvimento econômico dela, na qual os valores, a moral e a ética é determinado pelo enriquecimento material das pessoas, fazendo com que se entreguem as suas paixões e vivam apenas para si mesmo, inexistindo solidariedade e cooperação entre os membros da sociedade, conseqüentemente, uma consciência que priorize o coletivo social. Segundo McClosky (1976; 1978), a anomia conduz o indivíduo para uma sociedade carente no consenso do conteúdo das normas sociais fazendo com que as pessoas vivam sem aderir ou cumprir as regras sociais necessárias para uma boa interação indivíduo-sociedade. Mesmo que a concepção de Durkheim sobre a anomia tenha sido significativa para o estabelecimento do tema na Sociologia e Criminologia, outro estudioso de grande influência no estudo da anomia foi Robert Merton. Ele desenvolveu de forma sistemática a perspectiva teórica proposta por Durkheim, bem como, sua associação a conduta desviante (Caliman, 2006; Giddens, 2005; Huertas, 200; Reyes, 2008).

Diferente de Durkheim, o conceito de anomia elaborado por Merton (1938/2002) foi modificado, referindo-se a pressão que a sociedade impõe as pessoas para que se comportem, de forma desviante, quando as normas e a realidade social entram em conflito. Isto é, a fissura apontada por Durkheim entre a sociedade e as normas sociais, pode até ser reconhecido por Merton (1938/2002), mas, de acordo com esse autor, a anomia ocorre entre o subsistema dos fins e dos meios institucionalmente aceitos para que o desvio social se realize.

Merton (1938/2002), em seu livro *Teoria social e Estrutura social*, com base na concepção da anomia e com o objetivo de avançar no conceito e explicação do problema do desvio social na sociedade moderna, além de ampliar o conceito esclarece a função da anomia quando se tratar de explicar os conflitos e a ordem social.

Para Merton (1938/2002), a anomia é um problema estrutural e não conjuntural, além de se originar do poder imposto das normas sociais exigidas pela classe social favorecida, trata-se da impossibilidade de que o sujeito aceite e aja normativamente, pois, isso se deve as desigualdades sociais determinadas pela classe social mais alta para a realização dos objetivos dos mais desfavorecidos. O rompimento da estrutura cultural dá lugar a uma separação entre as normas e os

objetivos estabelecidos pela cultura e as condições estruturadas socialmente das pessoas da sociedade e do grupo seguir de acordo com o que se exige. Em outras palavras, para Merton a anomia teria como origem a constatação por parte de indivíduos e grupos de uma incongruência na sociedade, fazendo com que os meios socialmente disponíveis sejam insuficientes para o alcance de metas socialmente valorizadas.

A partir dos estudos de Durkheim e Merton, diversas pesquisas foram desenvolvidas com o objetivo de operacionalizar, psicológica e sociologicamente, o conceito e a mensuração da anomia (Caliman, 2006; Rodríguez, 2006). Desta forma, Srole (1956) estabeleceu, em termos psicológicos, um conceito e uma mensuração sobre a anomia. Este autor concebia a anomia como um estado mental, isto é, um sentimento de desespero e de abandono que acompanha o sujeito, devido à falta de acesso aos meios socialmente prescritos para a realização dos fins sociais.

De acordo com Rodríguez (2006), apesar de serem encontrados outros autores que também atribuíam à anomia um estado mental em termos da falta de sentido e pertença na dinâmica indivíduo-sociedade - por exemplo, Deflem (1989) e Laswell (1952) - em termos pragmáticos quanto ao construto anomia, Srole merece destaque por ter desenvolvido um instrumento para mensuração do construto. Trata-se de uma escala do tipo likert, composta por cinco itens para mensurar o grau de anomia (tomando-a como um sentimento) das pessoas.

Com base na concepção de Srole, Travis (1993) elabora uma escala alternativa para avaliar a anomia em termos psicológicos, uma vez que considera a proposta de Srole muito abrangente em termos conceituais e, principalmente, quando se pretende mensurar a anomia com amostras mais diversificadas e comparar subculturas. Travis (1993), então, toma como referência a teoria da alienação (especificamente, do isolamento social) e da anomia passando a elaborar um instrumento com sete itens, que deve ser respondido numa escala do tipo likert.

A escala de Travis (1993) tem como objetivo mensurar o quanto o sujeito sente que estar à margem da sociedade em relação à realização de seus objetivos, isto é, o quanto ele se sente socialmente excluído. O sentimento anômico refere-se a um sentimento individual de quebra ou debilidade dos padrões sociais, acompanhado por sensações de insegurança e marginalização, desequilíbrio entre metas e normas, expectativas descontroladas e questionamentos da legitimidade dos valores sociais. No Brasil, Souza, Santos Neto e Souza (2003) desenvolveram um estudo utilizando a escala de Travis (1993) e observaram indicadores de consistência interna aceitáveis com amostra brasileiras. Esses

resultados se assemelharam aos encontrados no estudo transcultural de Omar, Aguiar de Souza e Soares Formiga (2005). A avaliação desse construto na ciência psicológica, o qual não tem encontrado, no Brasil, produção suficiente sobre o tema, além das supracitadas, seria uma contribuição significativa para explicação da conduta socialmente desejável.

Apesar dos estudos apresentarem uma garantia da consistência interna da escala em questão, ao considerar a *Análise Fatorial Exploratória (AFE)*, especificamente, a dos principais componentes (PC), existe um inconveniente: esta análise pauta-se estritamente nos dados obtidos e sua aleatoriedade não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e muito menos seu poder de apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

As técnicas de modelagem estrutural têm a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresentar indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada. Desta forma, dois resultados principais podem ser esperados ao trabalhar com essa análise: 1- estimativa da magnitude dos efeitos estabelecida entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto, e 2 - testar se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, podendo dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis, embora não se possa afirmar que este é correto (Farias & Santos, 2000). Atende-se assim, não a certeza total do modelo, mas, a sua probabilidade sistemática na relação entre as variáveis e a perspectiva teórica assumida.

Um dos principais objetivos das técnicas multivariadas – neste caso, considera-se a modelagem de equação estrutural - é expandir a habilidade exploratória do pesquisador e a eficiência estatística e teórica no momento em que se quer provar a hipótese levantada no estudo. Apesar das técnicas estatísticas tradicionais compartilharem de limitações, nas quais, é possível examinar somente uma relação entre as variáveis, é de suma importância para o pesquisador o fato de ter relações simultâneas.

A fim de suprir esta necessidade, a Modelagem de Equação Estrutural examina uma série de relações de dependência simultâneas, esse método é particularmente útil quando uma variável dependente se torna independente em relações subsequentes de dependência (Silva, 2006; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005). Com isso, este estudo tem como objetivo: tomando com base as análises e perspectiva teórica abordada pelos autores supracitados quanto a

escala de Travis (1993), avaliar de forma mais robusta, a partir de uma *Análise Fatorial Confirmatória (AFC)* e a análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) efetuado a partir do *AMOS GRAFICS*, versão 7.0, a escala de sentimento anômico em jovens brasileiros, hipotetizando, uma estrutura unifatorial.

Método

Participantes

Participaram do estudo 235 jovens de 13 a 20 anos, com uma distribuição equitativa de jovens do sexo masculino (49%) e do sexo feminino (51%), da rede de educação pública e particular da cidade de João Pessoa – PB, que voluntariamente aceitaram participar do estudo.

Instrumentos

Os participantes responderam os seguintes questionários:

Escala de sentimento de estar à margem da sociedade (MOS - Margins of Society Scale). A MOS foi desenvolvida por Travis (1993) e adaptada por Souza e cols. (2003) para o contexto brasileiro, apresentando alfas confiáveis.

A presente escala é composta por sete itens que procuram avaliar o quanto as pessoas sentem sofrer uma exclusão social (por exemplo, Eu me sinto muito sozinho atualmente; Não importa o quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença; Eu me sinto discriminado socialmente; Sinto como se meu mundo estivesse caindo; Eu queria ser alguém importante; É difícil para mim dizer o que é certo e errado atualmente; Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade). Para responder a pessoa deve ler cada item e indicar o quanto elas estão em acordo com cada uma das sete questões e indicar (marcando com um X ou círculo) numa escala do tipo Likert, que variava de **1** = Discordo totalmente, **2** – Discordo em parte, **3** - Não concordo nem discordo, **4** - Concordo em parte e **5** - Concordo totalmente

Caracterização Sócio-Demográfica. Os participantes responderam um conjunto de perguntas sobre característica pessoais (sexo, idade, etc.) com a finalidade de caracterizar os respondentes da pesquisa.

Procedimento e análise dos dados

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Para a aplicação do instrumento, o responsável pela coleta dos dados visitou a coordenação ou diretoria das instituições de ensino, falando diretamente com os diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis de cada disciplina, procurando obter sua autorização para ocupar uma aula e aplicar os questionários. Sendo autorizado, os estudantes foram contatados, expondo sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando sua participação voluntária.

Foi dito aos respondentes que não havia resposta certa ou errada e que mesmo necessitando uma resposta individual, estes não deveriam se ver obrigados em respondê-los podendo desistir a qual momento seja quanto tivesse o instrumento em suas mãos ou ao iniciar sua leitura, ou outro eventual condição. Em qualquer um desses eventos, não haveria problema de sua desistência.

A todos era assegurado o anonimato das suas respostas, enfatizando que elas seriam tratadas em seu conjunto estatisticamente; apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis, não interferindo na lógica e compreensão das respostas dos respondentes. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula, apresentando os instrumentos, solucionando eventuais dúvidas e conferindo a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes.

No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 18.0 do pacote estatístico SPSS para Windows. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão). Os seguintes indicadores estatísticos para o Modelo de Equações Estruturais (SEM) foram considerados segundo uma bondade de ajuste subjetiva. Esse programa estatístico tem a função de apresentar, de forma mais robusta, indicadores psicométricos que vise uma melhor construção da adaptação e acurácia da escala desenvolvida, bem como, permita desenhar um modelo teórico pretendido no estudo.

Com o programa AMOS, versão 7.0, pretendeu-se testar a adequação do modelo unidimensional, considerando-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo

sido adotado o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Este tipo de análise estatística é mais criteriosa e rigorosa do que aquela que a do primeiro estudo no presente estudo. Isto permite testar diretamente uma estrutura teórica, como é o caso da que se propõem no presente estudo. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; van de Vijver & Leung, 1997), por exemplo:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 5 indicam um ajustamento adequado.
- *Root Mean Square Residual* (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero. Para o modelo ser considerado bem ajustado, o valor deve ser menor que 0,05.
- O *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI) são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório.
- O *Comparative Fit Index* (CFI) compara, de forma geral, o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).
- A *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).
- O *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) e o *Consistent Akaike Information Criterion* (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006).

Resultados e discussão

A fim de atender o primeiro objetivo do estudo, tomou-se como base no presente estudo, a análise exploratória realizado por Souza e cols. (2003) com uma amostra brasileira e de Omar, Aguiar de Souza e Soares Formiga (2005) com amostras do Brasil e da Argentina, com a escala de sentimento de estar à margem da sociedade (MOS - Margins of Society Scale), a qual foi desenvolvida por Travis (1993). Nos dois estudos, esta escala revelou indicadores de consistência interna aceitáveis.

Porém, considerando os limites que a análise exploratória possa apresentar para avaliação estrutural de um escala, já destacada na introdução do presente estudo, procurou-se testar a estrutura fatorial da escala, a partir da modelagem de equação estrutural. Com uma amostra de jovens brasileiros, tratou-se de avaliar um Modelo unifatorial, em que todos os itens apresentassem saturações em um único fator.

Optou-se por deixar livre a covariância (ϕ , ϕ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste do modelo se mostraram próximos aos recomendados apresentados na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; van de Vijver & Leung, 1997), os quais podem ser observados a seguir: χ^2/gf (7,11/11) = 0,64; RMR = 0,04; GFI = 0,99; AGFI = 0,98; CFI = 1,00; RMSEA = 0,00 (0,00-0,04). O valor do *ECVI* e *CAIC* não foram necessários por não haver modelo para ser comparado. A seguir, na Figura 1 é apresentada a estrutura fatorial resultante (solução padronizada) dessa análise.

Como é possível observar na figura 1, todas as saturações (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação proposta. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$), corroborando, com isso, a existência unifatorial da escala testada.

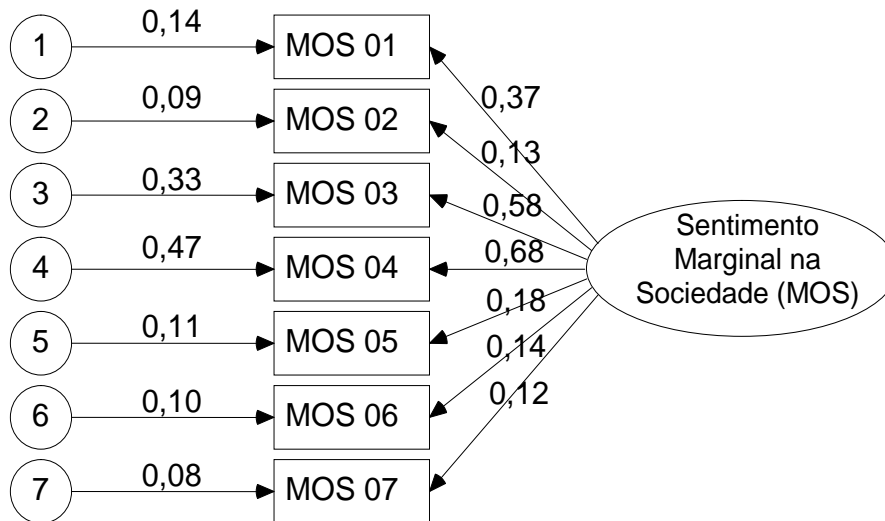


Figura 1: Modelagem estrutural da escala de sentimento de estar à margem da sociedade (Travis, 1993) em jovens.

No presente estudo, procurou-se verificar a estrutura fatorial da escala de sentimento de estar à margem da sociedade (MOS - Margins of Society Scale). Neste sentido, assume-se o modelo unifatorial como o mais adequado, para representar o sentimento anômico dos sujeitos da amostra avaliada. Este construto trata-se de um sentimento considerado individual em relação quebra ou debilidade dos padrões sociais, acompanhado por sensações de insegurança e marginalização, desequilíbrio entre metas e normas, expectativas descontroladas e questionamentos da legitimidade dos valores sociais medulares.

Os diversos critérios empregados para definição do número do fator a ser extraído, por exemplo, χ^2/gf , *GFI*, *AGFI*, *RMR*, *CFI* e *RMSEA*, reforçam a solução unifatorial esperada teoricamente. Estes indicadores foram satisfatórios estando em intervalos que têm sido considerados como aceitáveis na literatura vigente (Byrne, 1989; Garson, 2003; Kelloway, 1998). Ao considerar essa escala aponta-se não somente para uma análise funcional da experiência subjetiva de se sentir excluído da sociedade, mas, também, da estrutura dessa experiência no espaço psicológico do sujeito influenciando a conduta socialmente desejável.

Considerando a evidência de validade da estrutura fatorial da escala estudada, justifica-se seu emprego no contexto brasileiro para pesquisas acerca de variáveis antecedentes e conseqüentes da dinâmica psicossocial na sociedade brasileira. De forma geral, esse sentimento anômico aponta em direção de uma conduta de subversão, a qual é responsável pela desintegração e ruptura das relações sociais, mas, também, pela não submissão as relações sociais de ordem interior e social.

O desejo de estar e permanecer unidos é o que impede a dissolução da estrutura social e psicológica, capaz de regular a reciprocidade, o reconhecimento e aceitação das diferenças das funções sociais de cada sujeito estabelecida hierarquicamente e uma aproximação maior com a solidariedade social; caso contrário o desvio social surgirá.

Em relação a validade da estrutura fatorial da escala MOS, é importante destacar que a escala proposta por Travis (1993) se aproxima da perspectiva psicológica da escala de anomia salientada por McClosky e Schaar (1965) e de Srole (1956) as quais foram validadas por Rodriguez (2006) com uma amostra em Costa Rica. Especificamente, a escala de por McClosky e Schaar (1965) apresentou indicadores de ajuste aceitáveis pela literatura vigente (por exemplo, $\chi^2 = 33,74$; $gl = 25$; $p = 0,11$, $RMR = 0,45$, $RMSEA = 0,04$, $CFI = 0,96$, $GFI = 0,96$ e $AGFI = 0,93$). Considerando o construto psicológico para se avaliar a anomia, a escala de Travis (1993) revelou, neste estudo, melhores indicadores do que os encontrados por Rodriguez (2006). Vale destacar que, apesar da diferença qualitativa entre esses indicadores, isso não pode ser considerado uma condição de eliminação e inviabilidade da escala avaliada por Rodriguez (2006), mas, deve-se destacar que a escala de Travis (1993) trata-se de mais uma peça no quebra-cabeça do estudo da anomia psicológica. Porém, exige-se que futuros estudos sejam realizados com essa escala a fim de avaliar a acurácia do construto.

De acordo com Garcia (2006), próximo ao que considera Durkheim e Merton, acredita-se que devido à evolução da sociedade industrial os indivíduos encontram-se desorientados e inadaptados, pois o sucesso econômico é provocador da falta de controle sobre os desejos do homem por uma sociedade e normas socialmente aceitas, causando prejuízo no grau de controle e força dos vínculos sociedade-indivíduo para o controle do comportamento; mas, ao enfatizar os resultados encontrados neste estudo, se vai mais além, o processo evolutivo da sociedade e sua força capitalista é influenciadora, também, de experiências psicológicas subjetivas de sentimento de inferioridade.

O problema anomia parece não ser exclusivo das carências sociais e econômicas, mas, ao considera os resultados observados neste estudo, deve-se a percepção do sujeito quanto um ser que não sente como parte da sociedade, um ser que não valorado e incluído nos planos do avanço e sucesso da sociedade vigente, tornado o sujeito incapaz de internalizar, com isso, um sentimento de cidadania e co-partícipe. A falta de internalização de um sentimento de ordem reflete um limite na racionalidade da identificação dos laços sociais responsáveis pela sustentabilidade da harmonia social e resolução de conflitos, os quais, provavelmente, serão causadores da conduta desviante.

Conclusão

Considerando os indicadores de bondade de ajuste, houve evidência da validade estrutural da escala avaliada justificando seu emprego com pesquisas acerca de variáveis antecedentes e conseqüentes do sentimento anômico. A garantia psicométrica através da equação de modelagem estrutural, além tornar este instrumento acurado em sua mensuração temporal, o fez também, considerando a perspectiva geo-política em diferentes períodos em que a escala foi aplicada pelos autores supracitados em outros contextos sociais.

Espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos, principalmente, no que diz respeito à sua estrutura da escala analisada, podendo empregá-lo em áreas de estudo que cooperam com a psicologia, por exemplo: educação, sociologia, assistência social, etc. Contudo, é bom destacar quando for considerar os resultados deste estudo em outros contextos sociais é necessário ter em conta os aspectos mais específicos ou universais de cada cultura na avaliação dessas escalas quando se pretender adaptá-las.

Por um lado, é importante considerar as dimensões locais, específicas ou exclusivas (*emics*) da orientação de cada cultura, bem como, e não menos importante, avaliar as dimensões universais (*etics*) da Cultura, com o objetivo de comparar os construtos estudados aqui para outro espaço geo-político e social (Muenjohn & Armstrong, 2007; Triandis e cols., 1993; Triandis, 1994; Van De Vijver & Leung, 1997).

Esse fato aponta para a seguinte direção: conhecer os aspectos que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico da teoria da anomia psicológica, já que é possível encontrar variações desse construto ao considerar os contextos políticos e culturais. Por fim, quanto ao que fazer no futuro em relação a essa escala? Pretende-se reunir evidências adicionais de sua validade e precisão intra, inter e pan-culturais, por exemplo: avaliar sua validade de critério ou convergente em relação a construtos correlatos, bem como, conhecer sua estabilidade temporal (teste-reteste), comparando com os resultados que podem ser indicados por outros autores; assim, a replicabilidade do presente estudo, deveria ser prioridade, considerando-se amostras maiores e mais diversificadas quanto às características dos participantes, incluindo também jovens de diferentes contextos socioculturais e econômicos.

Referências

Aceituno, R.; Asún, R.; Ruiz, S.; Reinoso, A.; Venegas, J. I. & Corbalán, F. (2009). Anomia y alienación em estudiantes secundários de Santiago de Chile: Resultados iniciales de um estúdio comparativo 1989-2007. Psyche, 18 (2), 3-18.

Agnew, Robert. (1997). The nature and determinants of strain: another look at Durkheim and Merton. In Agnew, Robert and Nikos Passas (eds.). The future of anomie theory. (pp. 27-51). Boston: Northeastern University Press.

Beato, C. F.; Peixoto, B. T. & Andrade, M. V. (2004). Crime, oportunidade e vitimização. Revista brasileira de ciências sociais, 19 (55), 75-89.

Bilich, F.; Silva, R. & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação, 3 (2), 93-122.

Byrne, B. M. (1989). A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models. New York: Springer-Verlag.

Caliman, G. (2006). Desvio social e delinquencia juvenil: Teorias e fundamentos da exclusão social. Brasília: Universa.

Coffey, C.; Veit, F.; Wolfe, R.; Cini, E. & Patton, G. C. (2005). Morality in young offenders: retrospective cohort study. British Medical Journal, 326, 1-4.

De Giorgi, R. (2005). Il diritto nella società del rischio. In: Giorgi, R. & Magnolo, S. (Org.). Mondi della società del mondo. (p.23-55). Lecce: Edizioni pensa multimedia.

Deflem, M. (1989). From anomie and anomic depression: A sociological critique on the use of anomie in psychiatric research. Social Science & Medicine, 29, 627-634.

Durkheim, É. (1893/1995). As regras do método sociológico. São Paulo, Ed. Martins Fontes. Publicado originalmente em 1893.

Durkheim, É. (1894/2004). Da Divisão Social do Trabalho. São Paulo, Ed. Martins Fontes. Publicado originalmente em 1894.

Durkheim, É. (1897/2000). O suicídio. São Paulo, Ed. Martins Fontes. Publicado originalmente em 1897.

Durkheim, É. (1925/2002). Lições de Sociologia. São Paulo, Martins Fontes. Publicado originalmente em 1925.

Feijó, M. C. C. (2001). Raízes da violência: a importância da família na formação da percepção, da motivação e da atribuição de causalidade de adolescentes infratores e de seus irmãos não infratores. Tese de Doutorado não-publicada, Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

Formiga, N. S. & Diniz, A. S. (2011). Estilo da orientação cultural e condutas desviantes: Testagem de um modelo teórico. Psicologia em pesquisa (UFJF). *No prelo*.

Garcia, G. (2006). Apuntes al concepto de anomia de Robert Merton. Revista sigma, 2, 110-119.

Garson, G. D. (2003). PA 765 Statnotes: An online textbook. Endereço de página Web: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm> (consultado dia 29 de outubro de 2009).

Giddens, A. (1998). Durkheim e a questão do individualismo. In: Política, sociologia e teoria social: Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. (p. 147-168). São Paulo: Unesp.

Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E. & Black, W. (2005). Análise Multivariada de Dados. Porto Alegre: Bookman.

Harendt, H. (2009). Sobre a violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Huertas, D. O. (2009). Durkheim: La perspectiva funcionalista del delito en La criminología. Revista de criminología, 51 (2), 103-115.

Idhac (2009). Sociedades más integradas. In: Abrir espacios para la seguridad ciudadana y el desarrollo humano. Informe sobre Desarrollo Humano para América Central. (p. 227-289). Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo – PNUD: Colômbia.

Joreskög, K. & Sörbom, D. (1989). LISREL 7 user's reference guide. Mooresville: Scientific Software.

Kelloway, E. K. (1998). Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Kumar, K. (1997). Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro : Zahar.

Laswell, H. (1952). The Threat to Privacy. In: Maclver, R. (Ed.). Conflict of loyalties. New York, USA: Harper & Bros.

Lipovetsky, G. (1986). La era del vacío: Ensayos sobre el individualismo contemporáneo. Barcelona: Editorial Anagrama.

MacIver, R. (1950). The ramparts we guard. New York, USA: Macmillan.

Magalhães, A. R. (1998). Pós-modernidade, ruptura ou revisão? São Paulo: Cidade Nova.

McClosky, H. (1976). On Durkheim, Anomie, and the Modern Crisis. *American Journal of Sociology*, 81 (6), 1481-1488.

McClosky, H. (1978). Anomie, egoisme, and the modern world: Suicide, Durkheim and Weber, modern cultural traditions, and the first and second protestant ethos. Tese de Doutorado não-publicada. Eugene: Oregon.

McClosky, H. & Schaar, H. (1965). Psychological dimensions of anomy. American Sociological Review, 30 (1), 14-40.

Merton, R. (1938/2002). Teoría e estructura sociales. México: Fondo de cultura económica. Publicado originalmente em 1938.

Minayo, M. C. S.; Assis, S. G.; Souza, E. R.; Njaine, K.; Deslandes, S. F.; Silva, C. M. F. P.; Fraga, P. C. P.; Gomes, R.; Abramovay, M.; Waiselfisz, J. J.; Monteiro, M. C. N. (1999). Fala galera: Juventude, violência e cidadania na cidade o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: RJ. Garamond.

Muenjohn, N. & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. International Journal of Business and Information, 2 (2), 265-283.

Mulvey, E. P. & Cauffman, E. (2001). The Inherent Limits of Predicting School Violence. American Psychologist, 56 (10), 797-802.

Neto, O. B. (2004). O conceito de desvio na teoria social contemporânea: Modernidade e controle. Teoria e política social, 1 (1), 1-36.

Omar, A., Aguiar de Souza, M., Soares Formiga, N. (2005). Anomia y asimetrías socioeconómicas. Un estudio transcultural Argentina-Brasil In: XXX Congreso Interamericano de Psicología (p. 8-9). Buenos Aires.

Paixão, A. L. (1983). Crimes e criminosos em Belo Horizonte: 1932-1978. In: P. S. Pinheiro (orgs). Crime, violência e poder. São Paulo: Brasiliense.

Reyes, M. V. (2008). Anomia y criminalidad: Um recorrido a través del desarrollo conceptual del término anomia. Revista criminalidad, 50 (1), 319-332.

Reykowski, J. (1994). Collectivism and individualism as dimensions of social change . In: Kim, U.; Triandis, H.; Kagitçibasi, C.; Choi, S. & Yoon, G. (Eds.). Individualism collectivism : theory, method, and applications. Londres: SAGE.

Rodriguez, J. M. G. (2006). Analisis comparativo de confiabilidad e validez de dos escalas de anomia. Revista interamericana de psicologia, 40 (2), 193-204.

Sigelmann, E. (1981). Anomia e desorganização: estudo psicológico em contexto brasileiro. Tese de Doutorado não-publicada Rio de Janeiro: ISOP.

Sorj, B. & Martuccelli, D. (2008). O Desafio Latino-Americano: coesão social e democracia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Souza, M. A.; Santos Neto, S. C.; Souza, I. (2003). Validação de um Instrumento para Medida da Anomia. XXVIII Reunião Anual de Psicologia. Anais. (p. 258-259). Belo Horizonte: SBP.

Srole, L. (1956). Social integration and certain corollaries. American Sociological Review, 21, 709-16.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). Using multivariate statistics. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

Travis, R. (1993). The MOS alienation scale: an alternative to Srole's anomia scale. Social Indicators Research, 28, 71-91.

Triandis, H. C. (1995). Individualism and collectivism. Boulder, CO: Westview Press.

Triandis, H. C.; McCusker, C.; Betancourt, H.; Iwao, S.; Leung, K.; Salazar, J. M. ; Setiadi, B.; Sinha, B. P.; Touzard, H. & Zaleski, Z. (1993). Na etic-emic analysis of individualism and collectivims. Journal of cross-cultural psychology, 24 (3), 366-383.

Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). Methods and data analysis for cross-cultural research. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Anexo 1

Assinale a alternativa que melhor reflete a frequência com que você experimenta tais sentimentos de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

MOS 01	Eu me sinto muito sozinho atualmente.
MOS 02	Não importa o quanto à pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença.
MOS 03	Eu me sinto discriminado socialmente.
MOS 04	Sinto como se meu mundo estivesse caindo.
MOS 05	Eu queria ser alguém importante.
MOS 06	É difícil para mim dizer o que é certo e errado atualmente.
MOS 07	Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade